
A EXPERIÊNCIA DO CAMINHAR E DO OLHAR: TRÊS PERCURSOS NA PONTE PRETA*

*Eduardo Marandola Jr.***
*Fernanda Cristina de Paula****
*Pablo Sebastian Moreira Fernandez*****

Resumo

A experiência urbana do bairro da Ponte Preta, em Campinas, é abordada a partir de três olhares, na expectativa de, com este mosaico fragmentado de existências, memórias, imagens, paisagens e lugares, re-velar o sentido e o significado (traços essenciais) do bairro e sua identidade. Uma narrativa visual foi composta como fruto deste encontro, expressando os percursos realizados e aqueles possíveis na experiência da Ponte Preta e da cidade.

(...) Nenhum olhar é isento, nenhuma prática é destituída de reflexão. Por mais empírica que possa ser uma atividade, por mais próxima que possa estar do 'mundo concreto', seu fazer não se realiza sem um prévio, simultâneo ou subsequente pensar.

Cássio Eduardo Viana Hissa, 2002

Caminhar e olhar: traços essenciais

A experiência urbana é tanto objeto quanto meio desta pesquisa. Objeto na medida em que é a categoria de análise privilegiada em nossa investigação na Ponte Preta, bairro tradicional de Campinas. Buscamos a experiência do bairro, através da vivência

* Uma primeira versão deste ensaio foi apresentada no I Encontro de Percepção e Paisagem da Cidade, realizado nos dias 5 e 6 de maio de 2006, em Bauru, SP.

** Geógrafo, pesquisador do Núcleo de Pesquisas, Percepção e Cognição Ambientais da Universidade Estadual Paulista (Nupecam/UNESP) e doutorando em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (IG/Unicamp). eduardom@ige.unicamp.br.

*** Bolsista PIBIC/CNPq, Núcleo de Estudos de População da Universidade Estadual de Campinas (NEPO/Unicamp). fernanda.paula@ige.unicamp.br.

**** Geógrafo, Mestrando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp). pablosmf_geo@yahoo.com.br.

dos existentes e da construção de uma narrativa visual. Mas também é meio ao passo que se transforma no próprio método, através do caminhar no trabalho de campo, onde, além de exercitar o olhar, o pesquisador procura descrever e interpretar o bairro, sua identidade, lugares e paisagens.

Quase infinitas são as possibilidades de uma “excursão geográfica” por paisagens urbanas. Os estudos urbanos em geral, e aqueles que envolvem a paisagem urbana em particular, têm muito a ganhar com a promoção de estudos em microescala, re-velando a cidade na escala da experiência. Não apenas a paisagem, mas os lugares e o próprio bairro são revelados de forma intensa e orgânica, a partir do envolvimento do pesquisador com o objeto e deste com o pesquisador, numa relação recíproca que torna o trabalho de campo ponto crucial no processo de construção e aquisição do conhecimento (De Paula, Marandola Jr. e Hogan, 2005; Marandola Jr., 2005a, 2006).

Temos, portanto, duas chaves: a *experiência* e o *trabalho de campo*. Quanto à primeira, refere-se tanto à experiência dos sujeitos que habitam o espaço, as pessoas que habitam ou passam pela Ponte Preta, quanto dos próprios pesquisadores em excursão por este espaço. Esta é a tensão *insider-outsider*, tão crucial em estudos dessa natureza, tanto na Geografia quanto na Antropologia (Buttimer, 1980; Cardoso, 1986). É desta tensão que emana o conhecimento orgânico, seja por descrição, seja por representação.

Entre as ações envolvidas no trabalho de campo, podemos colocar em relevo pelo menos duas: o *caminhar* e o *olhar*. Na verdade, o primeiro é o acesso para a experiência. Há uma célebre frase de um geógrafo que dizia que “Geografia se faz a pé”, e o conhecimento experiencial depende dessa (con)vivência, que ultrapassa a passagem rápida na feitura de um inquérito ou de um reconhecimento de campo. É necessário pausar, conversar, envolver-se. O diálogo e a pesquisa da historicidade e da geograficidade do lugar ultrapassa a morfologia da paisagem: aprofunda-se na memória e nos fragmentos holográficos que desenham identidades e *terrae incognitae* (Wright, 1947) que o pesquisador, enquanto *outsider*, procura conhecer e desvendar, revelando-a!

O olhar é de um lado um guia, mas também uma inquietação. Em campo, ele guia a configuração de quadros (paisagens), constituindo relações e geometrias. Mas ele não se limita a ver o visível, antes, busca transcendê-lo, num exercício de imaginação produtiva onde o descobrimento e, em alguns casos, o deslumbramento diante de imagens criadas,

em forma de uma narrativa, podem contribuir no desenho da experiência e das paisagens, interiores e exteriores, do bairro. A relação entre visível e invisível, visto e não visto, vem à tona, nos levando a outros pares opostos, como corpo e alma, razão e emoção, intelecto e empírico. Não duvidamos tanto da imagem, mas procuramos trabalhar com elas na medida do que realmente são: representações.

Este percurso foi realizado por três pesquisadores, em três momentos e com distintos envolvimento. Em vista disso, o resultado está expresso na experiência de cada um, em direção ao sentido e significado (traços essenciais) da Ponte Preta. Os três itens seguintes re-velam a experiência de cada pesquisador com o bairro, espaço fragmentado, comportando diferentes experiências e identidades. Assim, a forma de trazer esta realidade à tona não poderia ser monolítica, como se não houvesse variações e dobras. São três fragmentos holográficos que contêm o todo em cada traço, trazendo, em sua projeção, a Ponte Preta.

Conhecimento espacial e experiência

Minha experiência na Ponte Preta iniciou-se com minha mudança para lá no início do ano de 2003. Meu conhecimento de Campinas, portanto, se deu no trajeto Ponte Preta-Unicamp, meu roteiro privilegiado. É importante entender que o bairro, para mim, antes possuindo significado apenas enquanto um time de futebol, materializa-se em ruas, casas, fachadas, pessoas e movimentos. Ele ganha um ponto referencial no mapa da cidade de Campinas. Mapa este que eu ainda não conhecia também.

Este conhecer um bairro ou uma cidade, ou qualquer outro espaço, é um processo que do ponto de vista cognitivo e perceptivo é extremamente variado e rico. Os contornos, as fronteiras, as direções e interações espaciais são totalmente obscuras e potencialmente perigosas, sendo desvendadas aos poucos. É como se a mancha negra que cobria todo o mapa fosse aos poucos sendo retirada, ao passo que, com meu andar cotidiano, desenhava itinerários em meio ao obscuro.

Levanto esta discussão, pois este é um processo que revela algo sobre a relação entre o caminhar e o olhar e nossa cognição espacial. Nossa forma de ser-no-mundo é vinculada diretamente à nossa experiência. Esta, entendida enquanto fundamento da existência (Marandola Jr., 2005b), possui forte relação com a corporeidade, com o Ser-

aí (Heidegger, 2002). Embora nossa experiência também se constitua de forma mediada (pela cultura, pela informação, principalmente ligada à memória e aos meios de comunicação), o conhecimento de uma dada espacialidade, no sentido cognitivo, não pode ser adquirido a não ser que se tenha experienciado corporalmente tal espaço. Sem caminhar e olhar não é possível ter conhecimento e experiência espacial.

O conhecimento de que falamos é aquele que somente os moradores, os *insiders*, na sua cotidianidade, possuem. É na vivência da historicidade, na relação orgânica homem-meio, que a geograficidade brota, numa relação recíproca de vir-a-ser: lugares, paisagens, pessoas, memória, cultura e, no nosso caso, o bairro.

Em vista disso, viver na Ponte Preta não me deu acesso apenas a suas memórias e história, mas a toda uma carga subjetiva construída ao longo do tempo e dos processos históricos que hoje se delinea numa forma específica de habitar a metrópole campineira. Inquirindo suas paisagens e conversando com seus moradores, foi possível adentrar neste universo cultural singular e único.

As duas pessoas que mais me permitiram trilhar estes caminhos foram Evaristo e Antonieta, mineiros que há mais de trinta anos vivem na mesma casa, na rua José Bustamante de Camargo, no que alguns chamam de centro da Ponte Preta, entre a rua da Abolição e a avenida da Saudade.

A relação deles com a casa, sua segurança e a acessibilidade e mobilidade que usufruem ali são sempre lembrados como aspectos importantes do bairro. Além disso, os grandes equipamentos, verdadeiros marcos espaciais (Lynch, 1980) do bairro, são importantes no dia-a-dia do casal. O supermercado, os bancos, a grande loja de construções aberta todos os dias da semana (eles sempre estão envolvidos com construções ou reformas), as lojas de carros (Evaristo também se interessa muito por eles), o Cemitério da Saudade (possuem jazigo e parentes enterrados nele) e a Igreja de Santo Antônio.

Estes dois últimos são importantes pontos que marcam a sazonalidade do bairro: o Dia de Finados movimenta não apenas as barracas de flores do maior e mais antigo cemitério da cidade, mas também altera o restante do comércio e o dia primaveril recebe um tom nobre, de reverência. O Dia de Santo Antônio e as semanas que o antecedem são marcados por pagamento de promessas, por missas extraordinárias e a tradicional

confeção de bolos, que são distribuídos a todos que por ali passam e desejam que suas preces sejam atendidas.

A Igreja é ainda um ponto central na vida de Antonieta por promover outras atividades, como ginástica e algumas ocasiões sociais onde ela encontra amigas de sua geração, que moram na Ponte Preta ou em vilas vizinhas (muito incorporadas ao bairro).

Para Evaristo, além de fornecer acesso a muitos dos serviços que lhe são importantes, tanto para lazer quanto para trabalho, a Ponte Preta não o impede de caminhar com sua cadela duas vezes ao dia, mesmo em meio aos carros e do trânsito que corta o bairro.

Ambos mantêm relações de vizinhança significativas, especialmente com os moradores mais antigos, embora não existam mais vizinhos em sua rua: apenas uma casa alugada de um lado, um escritório de outro e galpões vazios ou parcialmente ocupados do outro lado da rua. Mesmo assim, eles não se sentem isolados ou oprimidos pelo movimento. Eles possuem laços que vão além do bairro e com eles mantêm contato corriqueiro e freqüente.

No entanto, como a Ponte Preta, já há alguns anos, adquiriu esta condição de bairro de passagem, de ligação entre o centro (é o primeiro bairro após o centro nesta direção) e a região sul da cidade (e até de ligação com Valinhos, Vinhedo e São Paulo, pois por ali passam ônibus com estes destinos), muito da antiga sociabilidade mencionada por eles e outros moradores antigos se perdeu. A avenida da Saudade e a rua da Abolição tornaram-se dois corredores viários e comerciais por excelência, levando e trazendo, com pouca oportunidade para pausas. As casas rarearam nestas ruas, ficando confinadas às curtas ruas transversais e à parte que fica entre a rua da Abolição e a linha férrea, que de certa forma estabelece o limite do bairro no sentido Norte-Nordeste.

Além disso, a crescente verticalização e a concentração de equipamentos coletivos, que marcam um certo prolongamento da área central, trouxeram não apenas movimento, mas uma intensidade de *outsiders* que passaram a freqüentar estas áreas mais centrais do bairro. Entre estes destacam-se o Seminário e o Colégio Dom Barreto, o Colégio Adventista, o SENAI, várias igrejas evangélicas, além do Extra (hipermercado aberto 24 horas) e a UNIP, que estão imediatamente depois do bairro, após o Cemitério da Saudade.

Corroborar para isto a ausência de espaços públicos, sendo a Praça das Águas (inaugurada em agosto de 2004) uma das poucas exceções, mas que carrega uma série de ambigüidades e contradições (Marandola Jr., 2005c; De Paula, 2005). A ausência destes espaços de encontro que possibilitem a pausa em meio ao concreto, às ruas movimentadas e estreitas, é um dos traços essenciais do bairro hoje.

Todos estes elementos vão acelerar o processo de fragmentação do bairro, produzindo crescente complexidade em suas relações e identidade. Um dos reflexos, além das diferentes paisagens urbanas resultantes, é a ausência de uma percepção integral do bairro. O que é o bairro, em sentido territorial, é completamente inexistente em termos coletivos. Cada pessoa delimita de acordo com sua própria percepção, estando ausentes neste processo elementos culturais que ajudem a uma delimitação ao menos mais próxima.

Outro resultado significativo desta fragmentação são as conseqüentes vulnerabilidades diferenciadas que as pessoas, com diferentes condições de vida, passam a enfrentar. Os riscos em bairros consolidados e centrais são muito diferentes daqueles com que a literatura geralmente está ocupada, como inundações, desabamentos e pobreza. Na Ponte Preta, no entanto, entre os perigos mais percebidos pelos moradores está a violência. Principalmente em seus eixos comerciais, com o cair da noite, o movimento fica apenas na rua, ficando as calçadas bastante desertas, principalmente após as nove horas da noite. A insegurança é generalizada, havendo poucos moradores que se arriscam a grandes travessias no bairro.

Por outro lado, na parte mais degradada do bairro, o fragmento entre a rua da Abolição e a linha férrea, os moradores também sentem, de uns tempos para cá, a insegurança proveniente do tráfego de drogas que se instalou no bairro. São as casas mais antigas da Ponte Preta, numa paisagem que nos remete ao Brasil colonial, inclusive nas suas ladeiras. É quase outro bairro dentro da Ponte Preta, outra identidade, outro conteúdo social e outros objetos espaciais (Gomes, 2002), onde as experiências possuem maior vulnerabilidade do que em outras partes do bairro.

Mas a Ponte Preta é mais do que isso. Ela é um bairro fragmentado, como toda área densa no centro de uma metrópole, comportando em seu interior mundos pessoais distintos e ambíguos, repletos de ambivalências e contradições e que, coletivamente, acentuam esta natureza fragmentada da metrópole. Hoje, a Ponte Preta não é mais uma mancha

negra no meu mapa mental da cidade. De *outsider*, fui aceito como *insider*, estando há alguns meses novamente fora da Ponte Preta, talvez a caminho de tornar-me novamente *outsider*. E é desta dupla travessia que minha experiência da Ponte Preta está embebida, estando ela no caminho que leva ao conhecimento espacial, através da memória, da historicidade, da geograficidade e da experiência de seus lugares e paisagens.

Perscrutando o fenômeno Ponte Preta: a Praça das Águas

O mundo é fenomênico. A realidade na qual nos movimentamos, em que vivemos, que nos envolve, é fenomênica: o homem não possui a possibilidade de abstrair de sua condição humana, portanto, todos os objetos da realidade só *são para nós* – eles não são apreensíveis *em si*, eles *aparecem* (Heidegger, 2002); deste modo, a subjetividade é inerente ao ser humano e a todas as suas atividades (inclusive a ciência que se quer neutra).

Assim, o ponto de partida do conhecimento do mundo é a essência dos fenômenos – a qual corresponde aos traços inalienáveis pelos quais o humano apreende o objeto (fenômeno). Isto implica que o fenômeno só é inteligível através das pessoas e é na clarificação das relações entre indivíduos e os fenômenos (a experiência) que se constrói uma base segura para erigir as Ciências – como advoga a fenomenologia husserliana (Husserl, 1986). É a partir deste ponto de vista que a Ponte Preta foi perscrutada. Para compreendê-la, parti do pressuposto de que este é um fenômeno que, ao ser estudado, forneceria um avanço da clarificação do mundo vivido geográfico (Relph, 1979).

Esteando-me no método fenomenológico, caminhei e olhei a Ponte Preta atento a uma geografia, a um desenrolar geográfico (processo do pensamento e da vivência que cria e recria o espaço), aquém da apreensão que as abordagens materialista-histórica ou neopositivista (em voga) podem abarcar. Lidei com uma geografia dada na experiência cotidiana. Sob esta égide caminhei e descrevi, em um primeiro momento, buscando intimidade com a paisagem que se descortinava – no primeiro esforço de avançar da condição de *outsider* para *insider*.

E dentre os marcos espaciais que hoje emergem como símbolos (ou ícones) desta paisagem, deste lugar, está a Praça das Águas, talvez o único espaço público aberto da Ponte Preta. Ela foi, para mim, o principal lugar de acesso ao bairro.

“Uma bosta!” – exclamou Juventino, rindo, respondendo à minha pergunta sobre o que ele achava da Praça das Águas. Meu contato com o bairro através da praça veio por meio de uma pesquisa realizada nos últimos meses, que envolveu o caminhar, o olhar e sobretudo o conversar com os moradores do bairro. Assim, este caminho “acadêmico” é o percurso que me deu acesso à experiência que aqui descrevo e sobre a qual reflito.

Houve um concurso para o estabelecimento da arquitetura da praça e, de acordo com os conversantes, houve pouca (ou nenhuma) participação dos moradores do bairro na escolha do projeto que (de acordo com Juventino, Giuseppe e a filha de Wanda) não foi inteiramente implantado.

Do estabelecimento do projeto vencedor uma paisagem é imposta: uma praça cinza, a cor dada pelos pisos, pelo muro que separa a Sanasa (companhia de saneamento do município) da praça, pelos pisos que revestem a pequena escada, os bancos. Estes somam o total de doze, todos na direção norte-sul, blocos retangulares, sem encostos, cinzas, de diferentes comprimentos. Junto ao muro que separa praça e Sanasa há um espelho d’água (de menos de meio metro de profundidade) de contornos arredondados e abertos (uma das poucas linhas suaves da praça), o fundo coberto de seixos, com algum lodo, um tanto de lixo (que não chega a ser demasiado agressivo), os cantos com a superfície acumulada de lixo, sujeira (neste ponto, bastante agressivo). Dentro do espelho d’água, a oeste, um canteiro alto comporta uma árvore solitária, frondosa (transplantada do terreno da Sanasa). No canto sudoeste da praça, uma pequena construção, pintada num padrão de branco e azul (com data de 1871, ano da instalação do primeiro reservatório de água de Campinas, ali, na Ponte Preta), se destacando pelo padrão de cor e semelhança arquitetônica com a Capela de São Francisco de Assis (na rua da Abolição), visível de qualquer ponto da praça. No centro da Praça das Águas, entre os bancos e o espelho d’água, há uma fileira de pisos (na direção leste-oeste) com orifícios ordenadamente distribuídos que, em certos dias e determinados horários, esguicham água: um chafariz (alegria das crianças). Na praça, com poucas e discretas exceções, nada é restrito ou se opõe às pessoas: não há qualquer placa assinalando a não permissão de se sentar no pouco de grama, de pular dentro do espelho d’água ou caminhar por entre o chafariz em pleno funcionamento; não há cercas. Da praça para

as calçadas das vias de passagem têm-se leves declividades, abertas e cinzas, para a rua da Abolição e avenida da Saudade; do lado da rua Álvaro Ribeiro há uma escada modesta e as outras partes do desnível estão cobertas por grama e as poucas árvores que sombreiam parcamente algumas porções dos bancos.

Mas, associadas a esta paisagem, reclamações não faltam: o piso quente da praça a repelir as pessoas, a ausência de assentos mais confortáveis e de sombra, a falta de um espaço especialmente destinado para crianças, as formas atraindo os praticantes do *skate* e dos patins, vistos enviesadamente pelos outros moradores.

Contudo, há uma concordância de que um espaço aberto, de convivência, era necessário ao bairro e a praça supre, pelo menos quantitativamente, esta necessidade. Envolvida pelo (e caracterizando o) centro da Ponte Preta, a Praça das Águas está rodeada pelo ritmo frenético dado pelas vias de passagem e, desta forma, esse espaço cinza aberto, permissivo, vem significar liberdade, ponto de encontro, pausa.

No entanto, mesmo sendo um espaço único no bairro, a praça é relativamente pouco freqüentada. Inserida no local de confluência dos *insiders*, esta assume formas diferentes no tempo; há uma sazonalidade diária e semanal da Praça das Águas, orientada pelas vias de passagem e pela sua dinâmica. Pode-se encontrar uma ou outra pessoa ao passar pela praça durante o dia, de segunda a sábado, mas, também, há grandes chances de não encontrar ninguém ali. Em um domingo a praça se apresenta deserta, rodeada pelas vias desertas (sem pessoas, sem carros, sem ônibus). Contudo, também no domingo, em certo horário da tarde, grupos diferentes de adolescentes se reúnem, ao mesmo tempo, explicitando um uso da praça não observável, por exemplo, nos dias úteis. Haveria, também, uma sazonalidade diária orientada pelas estações do ano: a agradabilidade da praça quando o sol dá uma trégua à tarde ou quando em um dia de verão o chafariz é ligado e as pessoas acorrem para a praça; nas temperaturas baixas mais rigorosas do inverno os bancos, sem sombras, tornam-se um convite para uma pausa sob o sol. Pois, afinal, um dos princípios de uma praça é ser um espaço público destinado a se tornar lugar.

Recorrendo ao dicionário, busco a palavra “praça” e encontro: lugar público largo e espaçoso rodeado de edifícios. Junto desta qualificação, vejo várias outras que, basicamente, falam de significados que expressam o uso de um local acima caracterizado

(estacionamento, por exemplo) e de outros significados. No contexto da discussão posta aqui, praça remete a seu significado usual, pelo menos, em Campinas: local público espaçoso cercado de edifícios e destinado, principalmente, ao usufruto de qualquer pessoa para lazer, convívio, socialização. Quando postas em prática, estas atividades elevam o local público à condição de lugar; a porção do espaço distinguido pela relação íntima do indivíduo com ele (Tuan, 1983).

No entanto, a Praça das Águas mais se assemelha, na conceituação de Relph (1976), a um *placelessness*, o contrário de lugar.¹ Este refere-se a lugares que sofrem a intervenção externa (em especial do poder público) criando configurações espaciais inautênticas, ou seja, sem a participação e o envolvimento da historicidade e geograficidade local. No entanto, o *placelessness* não está condenado a esta condição. Nos aliamos a Mello (1996: 69) quando defende que símbolos (objeto espacial que remete a um todo ao qual pertence) impostos podem ser assimilados. Neste caso, os *placelessness* “(...) podem assumir o grau de lugar se vividos/queridos/idolatrados”. A relativa ausência de *insiders* na Praça das Águas e a reação destes diante da sua implantação nos remete ao *placelessness*. Desta relação, um envolvimento topofílico, existe uma gama infinda de eventos/fatos que podem levar o indivíduo a se aproximar desta porção de espaço aberto e, assim, a Praça das Águas pode passar de espaço público indiferenciado, imposto, a lugar. Tuan (1983: 158) nos auxilia a pensar este processo quando aborda a passagem de não-lugar a lugar, calcada na vivência diária:

Na hora não dizemos 'é este', como fazemos ao admirar objetos de notória ou reconhecida beleza. É somente quando refletimos que reconhecemos seu valor. Na hora não estamos conscientes de nenhum drama; não sabemos que acabamos de plantar as sementes de um sentimento duradouro.

Estas sementes podem dar vida à apreciação (topofilia) ou ao repúdio (topofobia) (Tuan, 1980).

A Praça das Águas, para muitos *insiders*, no entanto, nem chega a ser *placelessness*, pois, como para Soraia, ela é algo distante, indiferente, que nem deixa de ser espaço

¹ Apesar de alguns autores utilizarem não-lugar (Holzer, 2006) ou deslugar (Mello, 1996) para verter *placelessness*, não há consenso sobre estas opções. Optamos por utilizar o termo no original.

indiferenciado, expressando uma não-relação com a praça, uma ausência de vivência. Na fala dos conversantes, a praça aparece mais próxima de um lugar topofóbico, acredito, derivado do seu caráter de 'estar' *placelessness* – sendo um espaço aberto desejado, contudo, oferecendo uma paisagem imposta. Cabe a pergunta: imposta a quem? Imposta a quais vontades, gostos?

Yi-Fu Tuan fala sobre espaço arquitetônico, o espaço construído (o meio ambiente construído que vai implicar dada geograficidade) que é signo, que fala, que pode promover e aperfeiçoar sensações e percepções humanas, que vai condicionar a definição de funções/relações sociais. A arquitetura vindo a ser um modo de prolongar/materializar sentimentos; uma casa pode ser um texto que transmite certa tradição, que explica uma visão de mundo (Tuan, 1983). Desse modo, pergunta-se: a Praça das Águas quer falar do quê? Para quem?

Estas perguntas podem ter sido respondidas institucionalmente no projeto original da praça, mas, no cotidiano, provavelmente encontramos respostas que não constam nos papéis, mas estão re-veladas na experiência. A Praça das Águas se configura espaço aberto que parece querer evidenciar a “água” (o espelho d’água e o chafariz) e, neste ponto, toda a praça vai ser mais *monumento* (dando valor à apreciação estética da praça) ou praça (enquanto *locus* de socialização, a promover não só o relacionamento do indivíduo com o ambiente, mas promover a relação indivíduo-indivíduo e do indivíduo com ele próprio)? Pois suas linhas retas atraem os garotos que gostam de andar de *skate*, patins, bicicleta; entretanto, estas mesmas linhas são as que não vão atrair (como outras praças da cidade o fazem) aqueles dispostos a sentar em um lugar confortável e observar o movimento ao redor ou ver as crianças brincarem; se quedar a longa permanência destinada ao ócio. Talvez, a praça seja destinada aos apressados que, no meio da correria urbana, reservam quinze minutos de seu almoço para se sentar no desnível da praça com a calçada da rua Álvaro Ribeiro, sobre o gramado, embaixo da árvore e ver os carros passarem.

A Praça das Águas vai se configurar lugar, por exemplo, aos *skatistas*, aos trabalhadores dos arredores, a um ou outro menino que espera seu companheiro de brincadeiras para, depois, se retirarem.

Para um espaço que, consenso entre os *insiders*, era necessário, há uma fruição relativamente baixa por parte daqueles. Apesar de tudo, mesmo esperando que a praça não seja exatamente atraente para alguém mais idoso – aliado, talvez, àquele ideal de praça tranqüila, arborizada –, uma senhora com a neta se sentou no banco da praça: o que a levaria ali? O espaço aberto para a neta correr à vontade? Um local para descansar um pouco as pernas e seguir a caminhada? Um gosto real pela praça? A ausência de escolha (não de praça, especificamente, mas, de local de lazer)? Além da arquitetura da praça e dos gostos individuais (além da dimensão ambiental e da individual) também concorre para a transformação (mais efetiva) da Praça das Águas de espaço para lugar a dinâmica social em que as pessoas estão inseridas (dimensão social). Frequentar um local envolve uma escolha (ou ausência desta frente a um baixo poder aquisitivo, por exemplo) e esta é orientada pela consciência da identidade do indivíduo vivendo na sociedade e projetando seu “eu” na escolha de seu estilo de vida – não no sentido consumista da publicidade, mas expressando rotinas seguidas, modos de agir, lugares preferidos (Giddens, 2002). A filha de Wanda prefere deixar seus filhos brincando na calçada ao invés de se deslocar até a praça; os condôminos prefeririam usufruir o espaço de seus condomínios. Os moradores dos edifícios estão ausentes da praça: pode se aventar se eles têm a possibilidade de fruir de locais mais distantes, mas que melhor lhes satisfaçam. Em condições semelhantes os moradores do centro acorrem, por exemplo, à Praça Carlos Gomes: por que os moradores da Ponte Preta não acorrem para a Praça das Águas?

Minha experiência da Ponte Preta sugere que a predominância aparente da Praça das Águas como *placelessness* resulta, provavelmente, do curto tempo de existência desta – Tuan (1980) atenta que o tempo de vivência de um espaço influi na tomada deste como lugar – e da dissociação de um ideário/experiência já estabelecidos de praça agradável com a geograficidade imposta (contrária a esta experiência). Surge a questão: este processo (*placelessness* à lugar) contribuiria para estear (no discurso) intervenções impostas na paisagem?

Uma experiência fotográfica na Ponte Preta... narrativas sobre o Lugar - Rua Vitoriano do Anjos

Fotografar as primeiras experiências caminhantes pelo bairro da Ponte Preta foi a idéia condutora desta proposta de narrativa visual sobre um Lugar.

Assim, falamos da rua Vitoriano dos Anjos. Uma via enladeiraada e calçada com paralelepípedos, *transversal* a uma das entradas para o bairro da Ponte Preta sentido centro de Campinas, ou apenas uma vista de passagem para quem se locomove no sentido das cidades de Valinhos e Vinhedo.

Essa rua me toca, convida a uma experiência de conhecimento geográfico! Arquitetura de um tempo passado, demolições, uma população mais idosa, fachadas do início do século XIX se fundem a moradias-adaptações que são como “palimpsestos”, pouco fluxo numa via tão próxima da movimentada avenida da Saudade: de características comerciais, de passagem e de passageiros.

Numa cidade como Campinas, onde prevalecem os riscos da violência, a impessoalidade, a necessidade de privacidade, o sentimento que prevalecia nestes sujeitos era o da incerteza, da desestabilidade. Como seria o fotografar nesta cidade buscando um Lugar? Como seria falar da experiência, dos sentidos, expressões e sensações vividas através da Fotografia?

Essas incertezas me conduziram num primeiro momento ao encontro dos moradores mais antigos, repletos de memórias e lembranças que poderiam nos trazer alguma orientação. Buscaria compor imagens desta parte da cidade, escavando uma “poética da rua” através de experiências caminhantes, e transmiti-las por meio de uma Narrativa Fotográfica.

Uma narrativa sobre o Lugar...

Retorno a esse movimento em busca de uma geofricidade dos Lugares, citando a experiência caminhante de Lugar, realizada às margens do Ribeirão Cambé na cidade de Londrina – PR, no ano de 2004. Onde o sujeito da pesquisa investiga e discute as possibilidades de uma Narrativa imagética acerca de um Lugar e suas múltiplas paisagens (Fernandez e Gratão, 2005).

Nessa busca por uma linguagem que expresse nossos envolvimento com os Lugares e suas paisagens, a construção de uma Narrativa Visual propõe a reflexão sobre os caminhos e obstáculos a serem superados na busca por expressar a experiência, o indizível, o vivido, que na maioria das vezes é excluído do fazer científico.

Início assim esse caminhar pelo Lugar, ação entendida como meio de aproximação e guia de nossas experiências.

Intuíva o sujeito desse percurso, desacelerar, permanecer. Não caminhar mais apressado, impaciente e com o tempo e trajeto ritmado pelo relógio. Visualizaria a criação de vínculos de afetividade, conduzido pela objetiva da “câmera fotografante”.

Seo Mário e a antiga casa em ruínas...

Sigo caminho e me encanto por uma fachada quase em ruínas! Uma obra arquitetônica bela, um arco obra de algum artesão! Procuo alguns ângulos... e fotografo!

Prossigo... Algumas casas abaixo encontro seo Mário Virginelli: figura alegre e divertida, morador dessa rua desde os tempos em que o bairro era a “Chácara dos Moraes”. Estaciono ao lado desse sábio personagem do lugar sendo cativado por suas memórias.

Conversamos de tudo um pouco e de futebol (grande paixão “ponte-pretana”), conta piadas, me faz rir. Questiona o motivo do fotografar esta ruína: “ – *É só uma casa velha!*”

Quando se dá a falar dessa rua, rememora emocionado: “– *Nesta rua, já joguei muito futebol! Nesta ladeira descíamos de carrinho de rolimã! Logo ali abaixo tinha uma grande mangueira que a gente subia! São aqui 80 anos de vida!*” A grande mangueira já não habita essa paisagem e o tráfego dos automóveis não permite mais as brincadeiras das crianças. Algumas paisagens o tempo apagou, agora são suas memórias compondo um imaginário desse Lugar.

Seo Mário me diz que a estrutura da casa tem mais de cem anos e foi construída por uma família de italianos que aqui se estabeleceu. História contada a partir de suas lembranças transmitidas por um tio. Continua: “– *A fachada é mais recente, sendo feita pelo Cabral Pai, um português que conhecia o ofício de pedreiro e aqui viveu muitos anos. A fachada deve ter aproximadamente uns sessenta anos!*” Convida-me para entrar... pausa para mais uma prosa e um café.

Nesse caminho de conhecimento, a Fotografia foi se revelando como um “aparato encantador”. A câmera e o pesquisador deixavam de ser estranhos. Mesmo prevalecendo a desconfiança com o estranho, o ato fotográfico transforma o personagem em cúmplice, deixando-o à vontade para revelar seus recantos e encantos, memórias, estórias que vão dando força expressiva a esta Narrativa acerca da rua Vitoriano dos Anjos.

Como poderíamos imaginar o convite para tomar café na cozinha, conhecer o quintal e as mais diversas adaptações realizadas na moradia, nessa cidade dita tão violenta? Desse modo, uma questão metodológica que emerge nessa proposta é sobre a postura desse geógrafo que fotografa os Lugares. Como vivenciamos, o olhar deste nunca é desinteressado, chegando às vezes a agredir, invadir, violar. Condição que podemos não compartilhar, se nos guiarmos a um comprometimento e a uma ética espacial. O se apresentar e o permanecer no Lugar, o cativar e o ser cativado pelo *insider*, o ouvir (mais do que o falar) deste sujeito deve ser conduzido por seus sentimentos de afetividade e intimidade, em respeito e consideração ao “*genius loci*” desse reduto, recanto... lugar.

Re-fazendo a pergunta

Estes percursos se unem não apenas no desenho de seus mapas de caminhantes pela cidade. Perdendo-se ou procurando, os pesquisadores estiveram empenhados em conhecer, olhar, conversar e percorrer. Fazendo isso, viveram a Ponte Preta, com envolvimento distintos e experiências singulares. Mas na busca e composição de narrativas ou de memórias, projetaram fragmentos e traços do que é a Ponte Preta: fenômeno vivido.

Além do casario de quase dois séculos, das ruas estreitas e largas, movimentadas e desertas, planas e inclinadas, há também os grandes marcos espaciais, os grandes eventos, as muitas pessoas, o trânsito, a pausa, a passagem. A Ponte Preta está no piche da antiga ponte de madeira sobre os trilhos, mas também no gritar da torcida em dias de jogos. Está no comércio e nos serviços, mas também no concreto das edificações onde famílias se formaram, histórias se escreveram e onde a memória está edificada. A Ponte Preta está nos condomínios verticais e nas casas e nas calçadas e nas ruas. Está nos espaços sagrados e nos profanos. A Ponte Preta está, é e continuará sendo, mudando

e se reinventando, seja na Praça das Águas, na rua Vitoriano dos Anjos ou na memória de cada um.

Talvez por isso a pergunta “que é isso a Ponte Preta?” só admita como resposta o desenho imperfeito desse mosaico de elementos, que se materializam de forma diferente na experiência cotidiana e se revelam a cada momento de forma igualmente distinta. E a experiência não está estática, fixada em um dado tempo e espaço. Ela é dinâmica, assim como estão as paisagens e lugares em contínua evolução. A Ponte Preta se desenha a cada dia, mantendo a relação holográfica entre seus fragmentos, individuais e coletivos, conformando a imagem “Ponte Preta” projetada para *insiders* e *outsiders*. Os caminhos de acesso a ela passam pelo caminhar e pelo olhar, mas também pelo conversar, principal forma de lembrar. A narrativa pode ser um percurso metodológico neste sentido, enquanto o trabalho de campo é a via privilegiada de acesso à experiência, constituindo-se ele mesmo em uma experiência. Pesquisa é viver, e viver é conhecer. Assim, a Ponte Preta revelou-se a nós, e assim a projetamos. Fugidia às vezes, esgueirando-se enquanto representação e imagem, penetrou-nos marcando em nós a sua insígnia.

E não podemos mais dela nos esquivar.

Abstract

The urban experience of the Ponte Preta neighborhood, at Campinas, was approached from three points of view, in search to re-veal the sense and the meaning (essential traces) of the neighborhood and your identity from fragmented mosaic of the existences, memories, images, landscapes and places. A visual narrative was composed fruit of these meeting, expressing the realized paths and other possible in the Ponte Preta and the city experience.

Referências bibliográficas

BUTTIMER, A. Home, reach, and the sense of place. In: _____. e SEAMON, D. (eds.) *The human experience of space and place*. London: Croom Helm. 1980, p.166-87.

- CARDOSO, R. C. L. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, 156p.
- DE PAULA, F. C. *A abordagem do lugar no estudo das vulnerabilidades e riscos na Ponte Preta, Campinas*. Campinas: NEPO/Unicamp, 2005. 90p. [Relatório de Iniciação Científica PIBIC/CNPq]
- _____. MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D. J. Em busca do homem no espaço: o trabalho de campo na Geografia Humanista. In: *Anais do Seminário Temático de Geografia do Norte do Paraná*. 1. Londrina: AGB-Londrina, 2005. [CD-ROM]
- FERNANDEZ, P. S. M. e GRATÃO, L. H. B. (2005). Trilhares da experiência pela imaginação geofotográfica: acessando um lugar de Águas... Ribeirão Cambé... Londrina. In: *Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente*, 1. Londrina: DGEO/LPUR/UDEL, 2005, 24p. [CD-ROM]
- GOMES, P. C. da C. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 304p.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. (trad. Plínio Dentzien) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 233p.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo – parte I*. (trad. Márcia de S. Cavalcante) 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 325p.
- HOLZER, W. Sobre paisagens, lugares e não-lugares. In: OLIVEIRA, L. de, et al. (orgs.). *Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente*. Londrina: Edições Humanidades, 2006, p.109-28.
- HUSSERL, E. *A Idea da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986, 133p. [1913]
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fonte, 1980.
- MARANDOLA JR., E. Mapeando “londrinas”: imaginário e experiência urbana. In: *Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente*. 1. Londrina: DGEO/LPUR/UDEL, 2005a, 25p, [CD-ROM]
- _____. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. In: *Caderno de Geografia*. Belo Horizonte, 2005b, v.15, n.24, p.49-67, 1º Sem.
- _____. Vulnerabilidades e riscos na metrópole: a perspectiva da experiência. In: *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR*, 14. Salvador: ANPUR, 2005c. [CD-ROM]. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br>>

- _____. Narrativas calvinianas: da descrição do explorador ao percurso do andarilho. In: *Rua*, n.12. Campinas: Labeurb, 2006, p.45-58, mar.
- RELPH, E. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976, 156p.
- MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. In: *Espaço e Cultura*, n. 3. Rio de Janeiro, 1996, p. 64-72, dez.
- _____. As bases fenomenológicas da Geografia. In: *Geografia*. Rio Claro, 1979, v. 4, n.7, p.01-25, abr.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. (Tradução de Livia de Oliveira). Rio de Janeiro: Difel, 1980, 288p.
- _____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. (Tradução de Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983, 250p.
- WRIGHT, J. K. *Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography*. In: *Annals of the Association of American Geographers*. 1947, v. 37, p.01-15. (Footnotes)